

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 5 | Nº. 1 | Ano 2019

Eugenio Nkogo Ondó

Tradução: AFROCENTRICIDADE NÃO É PAN-AFRICANISMO

Site/Contato

www.capoeirahumanidadeseletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes

marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva

leyva@unilab.edu.br

AFROCENTRICIDADE NÃO É PAN-AFRICANISMO¹

Eugenio Nkogo Ondó²

Caros irmãos, amigos e colegas: Depois de ler o texto de D. Antumi Toasije, "Afrocentricidade, um novo impulso para o Panafricanismo?", que Carlos Manuel Zapata nos enviou duas vezes, eu gostaria de expressar a seguinte opinião: o Afrocentricidade não é Pan-africanismo, muito menos significa seu avanço. Em geral, o artigo submetido é um molho confuso de citações ou de alusões a autores sem prestar atenção a nenhum deles. No seu ponto de partida, distorce o objetivo final do nosso grande movimento filosófico e rapidamente passa pela discussão entre negritude e tigrétude (Senghor-Wole Soyinka), um assunto que é irrelevante para o Pan-africanismo. Da mesma forma, faz um vago recurso a Conciencismo, do grande filósofo K. Nkrumah, de Nations nègres et culture, de Cheikh Anta Diop, o sábio e verdadeiro filósofo da Filosofia da História Africana, evitando tratar de suas teses etc.; cita Hountondji, como o único adversário, sem saber que este, junto com F. Eboussi, M. Towa, A. Mbembe, V. Mudimbe, fazem parte da alienação francófono da etnofilosofia ou etnoteologia atual, que não foram capazes de compreender nem a filosofia ocidental nem a africana, etc. etc. Cada afirmação do dito texto pode ser o assunto de muitas páginas, mas eu não posso me dedicar a isso neste momento. O Sr. Antumi Toasije vive em Madri, onde existem duas facções, associações ou o que não sei como qualificar, que se autodenominam Pan-africanistas, que, sem saber bem dos fundamentos e doutrinas do Pan-africanismo, querem viver usando suas siglas.

¹ Tradução de Marcos Carvalho Lopes

² Eugenio Nkogo Ondo nasceu em outubro de 1944 em Bibás, Akonibe, Rio Muni, Guiné Equatorial. Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri. Frequentou cursos especiais de Filosofia ministrados por Xavier Zubiri em Madri. Após seu doutorado na Complutense, seguiu cursos sobre Ontologia e História da Ontologia e Filosofia Contemporânea na Universidade de Paris-Sorbonne. Foi leitor na Universidade de Gana-Legon, Accra (1978-1980). De lá, se mudou para os Estados Unidos da América, conduzindo uma investigação particular na Universidade de Georgetown, Washington D.C. (1980-1981). Ele é professor adjunto na University College, da Universidade de León (1981-1982) e professor titular de High School (1983), tendo sido simultaneamente, e por três anos consecutivos, o professor encarregado da Faculdade de Formação de Professores de EGB da mesma universidade de Leon (1984-1987). Após a criação do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação, ele é forçado a abandonar a posição que ocupava naquela escola por causa da famosa endogamia.

Poucos meses após a publicação do *La Pensée Radicale*, no final de 2005, a Société des Ecrivains, Paris, propô-lo como um candidato para a sexta edição do Livro da Anistia Internacional, "Livros e palavras para a liberdade", realizada em Rennes entre 2 e 5 de fevereiro de 2006.

"Por sua grande contribuição para a divulgação e promoção do conhecimento e reconhecimento dos valores culturais e verdades sobre a África, a partir do respeito, simpatia e solidariedade", ele foi premiado com o Primeiro Prêmio África, em 25 de maio de 2006, em Barcelona, um prêmio concedido pela organização SOS-Africa.

Ele se aposenta de sua atividade docente em novembro de 2009, mas não abandona seu compromisso com a pesquisa e escrita, em intervenções e conferências nacionais e internacionais". Essa descrição foi traduzida e adaptada daquela que aparece no site do autor: www.eugenionkogo.com

Eu gostaria que você perguntasse a ele se conhece meu nome ou se já leu a **Síntesis sistemática de la filosofía africana** e sua versão francesa **Le génie des Ihsango, synthèse systématique de la philosophie africaine**. O pan-africanismo foi a expressão de um pensamento radical e anti-imperialista, o primeiro dessa natureza que se constituiu na história da Filosofia contemporânea. Eu tenho falado tantas vezes de sua forte oposição ao neocolonialismo em meus escritos, entre os quais figuram o de título "Segundo o axioma do Conscientismo", que Fernando se dignou a publicar em um dos números da FAIA, e em "Le conflit de Côte d'Ivoire et la guerre en Libyie, escalades de la recolonisation française en Afrique", acho que o publicou também, mas se não fosse assim, está no meu site.

Nossos falsos Pan-africanistas esquecem totalmente a dimensão essencial e necessária do Pan-africanismo e permanecem no mais banal e superficial de seus princípios, o que é uma aberração ou uma distorção de sua doutrina. Aquele que tenta se aprofundar nela, vai descobrir imediatamente que é totalmente incompatível com a "Africanity" de Molefi Kete Asante, a quem eu conheço muito bem, como vou especificar mais tarde. Nem é compatível com qualquer outra iniciativa dos negros norte-americanos, porque todos eles, exceto M. L. King e M. X, são muito submissos ao capitalismo totalitário e ao pensamento unidimensional, e quando se propuseram a projetar-se para o mundo negro, pretendem fazer "business" como os brancos. Com isso, se opõem sistematicamente à luta pela libertação continental africana, que é precisamente anti-imperialista. Contudo, o mais irônico é que seus movimentos, por exemplo a WADU (World African Diaspora Union - União Mundial da Diáspora Africana) emprega os mesmos truques, usando geralmente as imagens de nossos filósofos e revolucionários, como P. Lumumba, K. Nkrumah, J. Kenyatta, etc. para atrair e confundir certos intelectuais africanos e afrodescendentes, como tenho observado em diferentes fóruns, quando na realidade eles são antilumumbistas, antinkrumahistas etc.

Eu mesmo tive que enfrentá-los duas vezes. A primeira foi no "Colloque International, Hommage à Aimé Césaire, juste de voix, gran éveilleur de conscience", realizada em Paris, em 11, 12 e 13 de Julho 2008, no qual participei com o trabalho: "Cheikh Anta Diop, le Reveil de la Philosophie de l'Histoire Africaine", minha declaração como Nkrumahista foi considerada negativamente pelo prof. Leonard Jeffries, que veio de uma faculdade em Nova York, que, exaltando o neocolono Sedar Senghor, demonstrou sua ignorância não apenas sobre a filosofia africana, mas também na filosofia ocidental.

Meu segundo confronto veio como resultado do "Africanity Think Tank", Grand meeting de l'afrocentricité et du panafricanisme", realizado em Paris de 12 a 13 de maio de 2012, convocada precisamente por Molefi Kete Asante e Ama Mazama, que entre outros pales-

trantes contou com: Antumi Toasije, Prof. Jean-Paul Pougala, prof. Kalamba Nsapo etc., no qual participei como convidado de Yves Ekoué Amaizo, seu representante na capital francesa. As palavras da abertura do Encontro pronunciadas por Ama Mazama, com sua saudação "Hotep", pareciam o começo da atuação de uma seita imprecisa. Sua intervenção e do seu sócio Molefi Kete me soavam, sinceramente, como ideias imaturas... Nessas circunstâncias, por minha tendência oposta às linhas impostas, a apresentação do Pensamento Radical que haviam me prometido foi cancelada. Em outros termos: eu fui banido por ser uma pessoa não grata.

Por isso, convido-o a que se dirija ao Sr. Antumi Toasije ou aos professores Molefi Kete Asante e Ama Mazama, para que possam explicar os critérios que tomaram para eliminar com um golpe e estragar aquela apresentação. Além disso, tirei algumas cópias de alguns dos meus trabalhos publicados em francês, que deixei na vitrine correspondente, mas foram retirados dali, mesmo assim, alguns leitores entraram em contato comigo e conseguiram adquiri-los.

Por tudo isso, eu só posso insistir em que O Pensamento Radical, assim como sua Escola, está cercado de inimigos: enfrenta o imperialismo onipresente e seus representantes locais em todos os continentes. Estamos diante de todas essas instituições, associações que tentam nos desviar do nosso projeto inicial de luta pela autêntica libertação do ser humano.

Eugenio Nkogo Ondó.

León, 12 de setembro de 2016.